



FENOMENOLOGIA DA BELEZA TRAVESTIDA E PROSTITUIDA

Warlington Luz Lobo¹
Adelma Pimentel²

A compreensão das subjetividades, em nossa perspectiva, abrange a consideração de três parâmetros: a noção de processo; a de interação; a de gêneros. O conjunto evidencia que somos produtores e produtos da natureza e da cultura, sem que uma adquira hierarquia, relevância ou sobreposição da outra. Deste modo, refletir sobre nossos processos de subjetivação possibilita refinar a compreensão de si e do outro, superar limites e pré-conceitos, e vivenciar uma permanente inquietude ante a acomodação fomentada pelas ideologias judaico-cristã e do capital financeiro e informacional. Compreender e problematizar a sexualidade do homossexual masculino, especificamente, da travesti requer considerar relevante a inter-relação sexo, gênero e cultura para a construção das identidades pessoais, e a expressão das liberdades individual e coletiva. (PIMENTEL, MONTEIRO, VALLE & BANDEIRA, 2009).

A subjetividade se configura processualmente, sendo a identidade e a sexualidade dimensões da mesma. O conceito de subjetividade integra os processos que caracterizam o mundo interno do indivíduo, o sistema complexo de significações e sentidos produzidos na vida cultural humana, bem como uma constante tensão entre ambos. A condição subjetiva é resultante da dialética entre os processos internos que permitem aos sujeitos realizarem sínteses da sua história pessoal, e os processos sociais contextualizados geográfica e temporalmente. (GONZALEZ-REY, 2002). Em função disto é importante destacar o conceito de gênero que em 1955, John Money propôs o termo papéis de gênero. Todavia, o conceito carregava a conotação de “essencialismos”, ou seja, avançava na diferenciação sexo-gênero, porém acercava-se da problemática de homens e mulheres brancos. Em 1968, Robert Stoller iniciou estudos sobre subjetividade. Daí em diante as pesquisas incluíram as diferenciações sexo, gênero, raça e classe, enfim, o multiculturalismo e a não universalidade dos sujeitos.

Gênero abrange a identidade de gênero que diz respeito à experiência subjetiva de pertencer a um grupo de homens ou de mulheres que praticam papel de gênero, ou seja, comportamentos,

¹ Psicólogo pela Universidade Federal do Pará – UFPA; Mestrando em Psicologia na UFPA. Integrante do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas, certificado pelo CNPQ em 2002 e do GEPEM. Membro das Linhas de Pesquisa: Gênero, saúde e violência/UFPA. E-mail: Warlingtonlobo@yahoo.com.br

² Pós-doutorado no âmbito da Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento em Évora-Portugal. Dra. Psicologia Clínica, PUC/SP; Vice-diretora da Faculdade de Psicologia da UFPA. Integrante do Programa de Pós-graduação em Psicologia. Coordenadora do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas desde 2002, e do Grupo de trabalho do GEPEM: Gênero, Saúde e Violência. E-mail: adelmapi@ufpa.br



atitudes e traços de personalidade que são designados em uma sociedade femininos ou masculinos, em determinada cultura e período histórico.

Passos (1997) in Álvares e col. (1997) afirmou:

A identidade de homens e mulheres e os significados de gênero são construções históricas e socioculturais, [...] decorrem, entre outros motivos, do modo como o mundo lhes foi apresentado, da educação, recebida, da cultura dominante, das relações que trava, de como é reconhecido pelo grupo e como conduz seus atos. Apesar das muitas conquistas do movimento feminista e das mulheres, no Brasil ainda convivemos com desigualdades de gênero marcantes: tradicionalmente, homens e mulheres recebem educação diferenciada, não por respeito às diferenças entre os sexos e sim para torná-los desiguais e com isto marcá-los, rotulá-los e destiná-los a lugares e papéis. (p. 114).

No que se refere ao conceito contemporâneo de gêneros, Lauretis (1994) indica a idéia de engendramento que nos permite pensar gênero como relações de/entre sujeitos engendrados, produzidos cultural e socialmente. O conceito focaliza a multiplicidade, o contraditório, o complexo e o heterogêneo.

No que tange à homossexualidade, em algumas civilizações antigas, tais como Grécia e Roma, as relações homossexuais, principalmente entre homens jovens e adultos, só eram consideradas “erradas” quando ameaçavam a hierarquia social vigente (BADINTER, 1993; BREMMER, 1995; COSTA, 1992; VEYNE 1986). Na tradição judaico-cristã, a homossexualidade passou a ser vista como pecaminosa e passível de punição, já que era considerado um descumprimento à palavra de Deus (GREENBERG & BYSTRYN, 1982; SPENCER, 1996). No século XIX a medicina definiu a homossexualidade enquanto uma patologia causada por distúrbios genéticos e biológicos. Assim, passou a integrar uma classificação médico-psiquiátrico. Atualmente, pesquisadores propõem articular sistemas de representação de identidades sexuais a determinadas classes e regiões. Deste modo, a medicina deixou de ser referência normatizadora da sexualidade homoerótica. (FRY, 1982).

Compreender a identidade social da travesti requer abordagem de várias dimensões dos processos de subjetivação e dos papéis incorporados na sociedade brasileira: prostituição, trânsito pelas ruas e avenidas, em aparições noturnas e em lugares secretos. Conforme destacam (Silva & Florentino, 1996:107).

Os estudos antropológicos de Benedetti (2005) permitiram elaborar uma compreensão acerca da “passagem” de um corpo masculino para o feminino. O autor apresenta duas justificativas para o emprego gramatical do termo travesti como feminino, a travesti: a) respeitar a utilização do termo êmico, popularmente usado, por muitas travestis que se autodenominam no sentido feminino, e que usam esta designação para indicar a valorização da transformação corporal buscada; b) cunho político, ou seja, à construção do feminino entre as travestis e transexuais é uma



das reivindicações dos movimentos organizados, bem como um indicador para o fortalecimento da reconfiguração dos códigos, signos e valores relacionados ao papel social.

Metodologia

A produção do conhecimento científico nas ciências humanas e da saúde é orientada por modelos explicativos e por modelos compreensivos. No que se refere aos parâmetros compreensivos, havemos que entrelaçar os fundamentos dos mesmos ao desenvolvimento da pesquisa qualitativa (PQ).

Segundo Bogdan e Binkler, (EUA), foi no início do séc. XX, com os trabalhos de Malinowski, Bateson, Mead, e Benedict, no campo da Antropologia, que foi estabelecido o embrião da pesquisa qualitativa. A etnografia e a pesquisa de campo foram os métodos propostos pelos autores apontados para estudar a cultura (GONZÁLEZ-REY, 2002)

A pesquisa qualitativa admite ao pesquisador imergir de maneira compreensiva no desvelamento das camadas que obscurecem a significação dos fenômenos estudados, estimula-o a apreender o sentido subjacente ao acontecimento, levando em conta a sua complexidade e particularidade, não objetivando alcançar a generalização, sim o entendimento das singularidades, ou subjetivo e da comunalidade, ou do intersubjetivo.

Em Psicologia, Sociologia, Antropologia, Terapia Ocupacional, etc. As diretrizes da pesquisa qualitativa vêm sendo utilizadas de maneira crescente na construção do conhecimento. O universo de possibilidades da captação da experiência humana tem provocado uma demanda significativa nos alunos de graduação e pós-graduação, principalmente porque as metodologias qualitativas privilegiam análises de micro processos através do estudo das ações sociais individuais e grupais (MARTINS, 2004).

Gribits e Harris (2004, p. 108) afirmaram:

Os pressupostos fenomenológicos-qualitativos indicam que o comportamento humano, freqüentemente, tem mais significados do que os fatos pelos quais eles se manifestam. Ressaltam a necessidade de observação do sujeito na perspectiva de um contexto social e cultural dos significados latentes do comportamento humano.

Goldenberg (2003) considerou que a condução de uma pesquisa qualitativa depende, dentre outras coisas, da biografia do pesquisador, de suas opções teóricas, do contexto mais amplo e das imprevisíveis situações que ocorrem no dia-a-dia. Esse tipo de pesquisa representa uma valiosa contribuição para o desenvolvimento do conhecimento das ciências que se valem dos seus pressupostos.



Delimitando o percurso: usamos a entrevista semi-dirigida, realizando perguntas abertas que foram gravadas em áudio e depois transcritas. Em eixos organizamos as questões: 1. Travestilidade. O critério de inclusão foi à disponibilidade plena e a assinatura do consentimento esclarecido. Na quinta entrevista, observamos que algumas informações se repetiam o que indica neste tipo de estudo a saturação dos dados. (TURATO, 2005).

Durante a coleta de dados percebemos um grande interesse das participantes em relatarmos suas experiências, a montagem dos seus corpos, e a construção de uma imagem feminina em um corpo biologicamente masculino. A apresentação das informantes se deu pela utilização de pseudônimos: Kamyle, Dyane, Janaína, Cláudia e Geysel. Os dados foram avaliados por meio da análise do conteúdo do discurso, com destaque para o emaranhado de fios ideológicos expressos nas respostas. (MINAYO, 2008). Seguiram as etapas de: organização dos relatos, releitura do material, e dos registros no diário de campo; classificação dos dados: leitura horizontal e exaustiva do texto e leitura transversal para recortar de cada entrevista unidades de sentido, por temas, utilizando como critério de classificação variáveis empíricas e/ou variáveis teóricas; análise final, em que foi composta uma síntese das respostas voltadas para responder as questões da pesquisa.

Travestilidade

Kamyle revelou que percebeu que teve sempre pensamentos de menina e se considerava uma transexual: *Claro que primeiro a gente é gay, e tal. Eu sempre me identifiquei com o feminino, minhas tias, minha mãe, adorava as roupas da minha mãe, isso foi fundamental na minha identidade travesti. Quando decidi ser travesti eu já era adulta, dona do meu nariz. Coloquei esse peitão.*

Fazendo uma análise das significações contidas no discurso de Kamyle, consideramos que ela não conseguiu responder o que caracteriza alguém como travesti, isto porque a materialização social de um feminino que não se reconhece como mulher, e menos ainda com um homem questiona todas as maneiras de se pensar em gênero enquanto algo mutável. Principalmente pela falta de compreensão da participante em relação às categorias que diferem as travestis das transexuais.

B) **Dyane:** tinha consciência de que não se travava de uma transgênero³. Reconhecia que se tratava de uma mulher “diferente”, uma mulher com pênis, que tinha suas próprias experiências,

³ Transgênero se refere a pessoas cuja expressão de gênero não corresponde ao papel social atribuído ao gênero designado para elas no nascimento. Recentemente o termo também tem sido utilizado para definir pessoas que estão



dores, lutas, preconceito e que mesmo assim estava vivendo de seu jeito, de sua forma. Ressaltou que era aceita e exigia respeito, de todos, da família e amigos de trabalho.

*Desde cedo me vejo como uma mulher desde os meus 11 anos eu decidi que queria ser uma mulher, tenho mais cinco irmãos, no começo não foi fácil, eu cheguei com a minha mãe e disse a situação, e se ela não me aceitasse eu iria embora. Ela me disse que tudo bem, mais que a partir daquele dia eu seria a filha que ela não teve, então desde esse dia ela me colocou pra fazer serviços de mulher, **Janaina** revelou que ainda não se sente uma “mulher”: *Eu ainda me sinto homem. Porque praticamente eu não me sinto assim uma travesti, assim como vocês falam 24 h por dia. Eu saio assim à noite, porque durante o dia eu durmo. Sinto-me quase uma mulher durante a noite, eu me “monto” pra trabalhar, mais durante o dia to dormindo.**

Janaína se sente mulher durante a noite, devido ser esse o momento de início da montagem. Seu corpo se aproxima do feminino na vestimenta, na corporeidade (nádegas, bocas e pés). O processo de montagem é uma ação muito valorizada entre as travestis.

Perguntada sobre o que caracteriza a sua travestilidade Janaína respondeu: *Eu me sinto assim numa vida melhor do que eu vivia quando eu era uma gay, eu sou feliz, não tenho nada que reclamar da minha vida.* Percebemos uma dificuldade de Janaína em responder a pergunta. Talvez, por não saber identificar as diferenças entre as identidades de gênero e sexual.

Cláudia ressaltou o que caracteriza a sua travestilidade: *É digamos assim, eu não digo que eu sou uma gay, e também não digo que eu sou uma travesti completa, porque travesti pra mim é aquela que já tem próteses, entendeu? Corpo feito pra mim é isso, eu digo que eu sou assim uma referência de travesti, não uma travesti completa, tenho seios grandes de hormônios, não me defino assim como uma travesti “toda feita”. Ser travesti é assim toda plastificada, ter silicone no corpo. No meu pensamento é isso, eu vou colocar um silicone.*

Cláudia afirmou que o silicone é muito admirado pelas travestis. Esse atributo é uma importante característica que contribui para sentir-se feminina. O adjetivo “Toda Feita” é um elogio de alto grau, pois designa que o resultado ficou muito bom, um corpo bastante feminino. (BENEDETTI, 2005).

Geyse e sua travestilidade: *Eu já me considerava gay até meus 17 anos. Comecei a me efeminar de 18 pra 19 anos, Travesti, eu me identifico como travesti, É digamos assim, eu não digo*

constantemente em transito entre um gênero e outro. O prefixo “Trans” significa “além de”, e “através de”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Transg%C3%A9nero>, Site Wikipédia A Enciclopédia livre. Acesso em: 29/11/2009.



que eu sou um gay, e também não digo que eu sou uma travesti completa. À noite pra mim é um convite sabe pra eu me prostituir, bebida, drogas é um fato sabe mona, que peca muito, de homens, Adoro a noite, deu seis horas já to me montando bem glamurosa. Eu amo a noite.

Considerações finais: toda feita ou custos existenciais da transformação?

Para finalizar a composição deste trabalho, retomamos as questões focalizadas na pesquisa: Qual a concepção da travestilidade para as travestis da cidade de Belém? O que significa ser travesti? Quais elementos caracterizam uma travesti? Como se definem, fazem distinção entre gays, travestis e transexuais? O que significa a prostituição em suas vidas? Além destas indagações

consideramos estes desdobramentos: às travestis se percebem como um tipo de “mulher”: O que difere as difere e as assemelha a identidade feminina?

Consideramos que as respostas são parciais, situacionais e que requerem verticalizar o aprofundamento das descobertas, por meio de novas análises baseadas nas premissas gestálticas e de gênero possíveis de estabelecer diálogo com a realidade. Por enquanto, nesta conclusão, faremos recortes dos discursos.

Sobre a vivência da travestilidade de **Kamyle**, retomamos a que ela achou interessante ser ouvida e principalmente expressar sua opinião a respeito de sua travestilidade, vivências e experiências homossexuais, relacionamento com homens heterossexuais, e sobre a construção de seu corpo inspirada no modelo de um tipo de mulher: bela, vistosa, bem cuidada, desejada, gostosa; entretanto, acrescida do exagero semiótico e da manutenção do pênis.

Falar e escutar são funções gestálticas de contato que no modo saudável de existir configuram uma ampliação da consciência, reconhecimento e satisfação das necessidades. Enquanto orientações e práticas são ações derivadas do cuidado familiar.

Quanto à vivência de **Dyane**, a ênfase foi para as funções de contato movimento e visão/olhar. Ela, principalmente contactava batendo com os pés no chão e gesticulando com as mãos durante toda a entrevista, também se valia de intensa mímica facial. O olhar de Dyane ora era desviado, ora era fixado no pesquisador, que, por vezes, sentia-se incomodado desviando o olhar. Seus movimentos, postura corporal e olhar demonstravam uma possível ansiedade ao relatar suas vivências.

Quanto à participante **Cláudia**, consideramos a presença da disfunção de contato introjeção, significando que ela não realizava críticas de suas experiências, aceitando tudo sem fazer questionamentos, por exemplo ao definir sua travestilidade: *ser travesti é assim toda plastificada*,



ter silicone no corpo. No meu pensamento é isso, eu vou colocar um silicone. Ela parecia não se importar com ou conhecer a pressão exercida pela indústria da beleza e da medicina estética; bem como não considerar importante haver a organização em grupos ou associações entre as travestis que se prostituíam no mesmo bairro cuja consequência é a exposição de todas as várias formas de violência. Equivocadamente introjetou a ideologia para a corporeidade que ao tornar-se uma travesti *Toda Feita* teria mais chance de **vencer** a concorrente e lucrar mais.

Assim como **Janáina**, Cláudia também foi expulsa de casa por seus familiares. De acordo com ela, suas formas e atributos físicos que lembravam o feminino foi um dos motivos que causou a expulsão. O vínculo afetivo com a família foi interrompido, porém o desejo dela mudar e promover modificações corporais e psíquicas em sua vida foi intensificado.

No relato de **Geyse** enfatizamos o inverso pela singularidade. Sua família não a expulsou de casa, mas ofereceu-lhe total apoio. O tempo todo a participante se definia como travesti, *eu me identifico como travesti*, aquela que provoca modificações na forma do seu corpo com o intuito de deixá-lo o mais parecido possível com o de uma mulher. Suas vestimentas e seu modo de agir são como o de pessoas pertencente ao gênero feminino. (BENEDETTI, 2005).

Geyse assegurou que *não era uma gay*, para ela, uma fase anterior ao processo de modificação do corpo. Tal perspectiva discursiva foi compartilhada por Cláudia: *É digamos assim, eu não digo que eu sou um gay, e também não digo que eu sou uma travesti completa.* A proposição indicou que estava em processo de transformação, um sinal emergente de identidade em transição, não mais menino, não totalmente travesti. (BENEDETTI, 2005).

No discurso de Geyse a afirmativa, *À noite pra mim é um convite sabe pra eu me prostituir, bebida, drogas é um fato. (...) adoro a noite, deu seis horas já to me montando bem glamurosa. Eu amo a noite*, sugere que ela não sente incômodo quanto à prostituição e que fez uma escolha consciente da mesma, não apenas como fonte de trabalho, mas de socialização e inclusão grupal.

A Corporeidade na Travesti é um elemento semiótico e semântico prioritário na configuração dos processos de subjetivação, por exemplo, quando elas injetam ou aplicam silicone realizam uma intervenção sobre o seu próprio corpo que repercute subjetivamente na identidade. Pela incorporação de elementos em seu corpo, a travesti assegura a transformação do sexo psíquico, embora não altere o sexo genético.



Antes de ser uma *Travesti Toda Feita*, algumas etapas são vivenciadas⁴. Durante as inserções no campo de pesquisa, várias vezes, escutamos relatos das informantes que sinalizavam o processo de transformação corporal e de aquisição de características femininas: injeções de silicone, “luta” para retirar os pêlos que são obstáculos na fabricação do corpo travesti; maneira de se vestir; aprendizagem do gestual feminino, etc.

Enquanto processo, a transformação corporal é complexa e não aponta para uma mera re-composição fenotípica, ou uma inversão de papéis de gênero. Na experiência das travestis entrevistadas, concluímos que elas contribuem para atualizar e/ou ampliar a descrição do feminino e do masculino, na medida em que questionam as normas pré-estabelecidas, os valores, os símbolos, e as representações normatizadas na cultura. Assim, desconstroem as normas ressignificando signos, símbolos e códigos que identificam sexo e gênero. Nem homem nem mulher, mas, criação de um ethos de outro gênero, derrisão por sua caricatura, erotismo da ambigüidade e subversão das relações estabelecidas entre os sexos. As participantes da pesquisa indicaram uma consciência plena do processo de transformação vivenciada, significando demonstração da capacidade de perceber e estar côncias do que faziam aos seus corpos e subjetividades nas várias dimensões do ato e das consequências. Entretanto a consciência das repercussões subjetivas, sociais, econômicas e políticas não pareciam ser inteiras;

Perls, (1997) afirmou que os sujeitos não podem ser compreendidos fora de seu meio psicológico, também, que não estão diluídos nesse meio, mais que se inter-relacionam mediados pela fronteira de contato, um limite intangível, porém sentido, vivenciado que diferencia o eu, o outro e o meio. O diálogo entre os autores⁵ e os dados empíricos permitiu considerar que as fronteiras de contato, filtros usados pelo eu, para realizar a identificação das próprias necessidades e a inter-relação entre a travesti e o mundo, mediadas pelo corpo, valores, familiaridade, expressividade e exposição; bem como, as funções de contato⁶, meios para viabilizar a satisfação das necessidades e a socialização secundária identificadas pelas fronteiras de contato são afetados de um modo negativo no percurso. (PERLS, 1975; POLSTER & POLSTER, 1975; PIMENTEL, 2003). Em nossa fenomenologia da travestilidade observamos que as informantes introjetam⁷ sem

⁴ As etapas não são lineares, ou seja, uma sequência vivenciada por todas as travestis nos processos de transformação corporal.

⁵ Pensamento gestáltico, gênero e travestilidade.

⁶ Visão, audição, movimento, toque, paladar, olfato.

⁷ Disfunção de contato. A esse respeito ver Perls, Hefferline e Goodmam (1997) e Pimentel, (2003)



assimilar⁸ as informações sobre corporeidade derivadas da cultura onde vivem e dos grupos que frequentam, sobretudo no que diz respeito aos valores, normas de conduta, papéis e identificações prescritas ao gênero masculino e feminino.

A reunião acrítica dos elementos constitutivos da subjetividade humana pode ocasionar adoecimento neurótico ou rupturas com a realidade, já que é comum entre os homossexuais e as travestis se vêem e se percebem convergem com os achados descritos na literatura utilizada como os estudos de Benedetti 2005, Fry,(1982) e Heilborn (1996), revelaram que as participantes do estudo não têm como objetivo tornar-se mulher, porém se identificam com o feminino. Um feminino diferente das configurações subjetivas e sociais prescritas culturalmente ao feminino de uma mulher, conforme a classe socioeconômica.

No discurso de todas as participantes percebemos a falta de esclarecimento relacionado a temática da travestilidade, homossexualidade e gênero, que supomos esteja relacionado a falta de instrução, e acesso a informação e a cultura.

Bibliografia

- BADINTER, E. **XY**: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1993.
- BENEDETTI, Marcos R. **Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond,2005.
- FRY, Peter. **Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GONZÁLEZ-REIS, F.L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**, São Paulo, Thomson-Pioneira,2002.
- GREENBERG, D. F. & BYSTRYN M. Christian intolerance of homosexuality. **American Journal of Sociology**, 88, 1982. p.515-548.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Garamond.1996.
- MINAYO. M.C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. Ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- PERSL, F. S. **Isto é Gestalt**.SP: Summus, 1997.

⁸ Assimilar é uma ação que integra o processo de ajustar-se criativamente ante as situações vivenciadas no mundo. Requer consciência em fluxo. Difere da introjeção que se reduz a absorver informações acriticamente. Para mais informações ver as fontes acima citadas.



PIMENTEL, A. *et al.* Para além do claustro. In: PIMENTEL, A. *et al.* **Itinerários de pesquisas em psicologia**. Belém: Amazônia Editora, 2010. p 57-94.

SILVA, H.R.S.; FLORENTINO, C. **A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações**. In: PARKER, R.; BARBOSA, R.M. (Org). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p.115-118.1996.

TURATO. Egberto Ribeiro. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa**. Ver Saúde Pública 2005; 39 (3): 507-14.